



Crônica da Cidade

ISABELA BERROGAIN | isabelaferreira.df@dabr.com.br

Ossos do ofício

Desde que entrei no **Correio**, a regra sempre foi clara: a prioridade do caderno *Diversão & Arte* deve ser os artistas locais. Por isso, sempre fazemos questão de escrever capas sobre “a prata da casa” — músicos, atores e escritores da cidade. Em 2023, porém, uma situação no mínimo engraçada aconteceu envolvendo a cena artística brasiliense. Uma das estagiárias da nossa equipe de Cultura foi pautada com uma matéria sobre um projeto inédito de

uma grande banda de Brasília, que seria apresentado no fim de semana seguinte.

A repórter, de pronto, foi atrás da assessoria dos músicos e combinou uma entrevista, em que ela mandaria as perguntas via WhatsApp e um dos integrantes do grupo, alguns dias depois, retornaria com as respostas, tudo isso com o intermédio da assessora. Pois bem, a estagiária cumpriu seu papel, mandou o material, e, após uma breve espera, recebeu alguns áudios encaminhados do porta-voz da banda.

Ela havia mandado 10 perguntas ao artista, número que condiz com o tamanho do material de que precisamos para fechar uma matéria de, no mínimo, 60 linhas. O rapaz começou a responder à entrevista

com um diction invejável e ótima linha de raciocínio — não por acaso, ele é formado em jornalismo e é o escolhido para representar o grupo em ocasiões como essas.

Eram, no total, sete mensagens de voz e, ao chegar à última, a estagiária teve uma surpresa. Deduzimos que a assessora provavelmente encaminhou tudo sem nem antes escutar, já que o áudio final dizia: “Respondi sete perguntas, faltam três, mas eles mandaram um Enem. Dez perguntas é difícil”. A mensagem ainda contava com alguns palavões aqui censurados, mas que acabaram adicionando um tom mais bem-humorado ao recado.

De início, um choque tomou conta da repórter, que não sabia se fingia que nada

havia acontecido ou se respondia algo. A situação rapidamente virou assunto na editoria, até que ela recebeu uma mensagem do rapaz. “Oi, fulana. Aqui é ciclano da banda X. Posso te ligar?”, dizia a notificação. Aparentemente, a assessora percebeu sozinha a gafe que havia cometido.

O telefone tocou, e a repórter atendeu. Na ligação, o músico se mostrou genuinamente arrependido — pediu desculpas, disse que havia sido desrespeitoso e que tem muito apreço pela nossa profissão. Ainda elogiou o **Correio** e disse que gosta muito do trabalho que fazemos por aqui.

Na tentativa de se redimir ainda mais, o artista a convidou para ir ao show da banda, que aconteceria em alguns dias, e disse

que fazia questão de pedir desculpas pessoalmente. A estagiária acabou não comparecendo à apresentação — a mãe dela tinha uma cirurgia marcada para o mesmo fim de semana —, mas, desde então, sinto que o rapaz tenta constantemente corrigir a “mancada” conosco.

Ele sempre dá uma moral a mais quando escrevemos matérias sobre o grupo, manda mensagens nos agradecendo e faz inúmeros posts no Instagram falando da admiração que tem pelo jornal. Por aqui, sem ressentimentos. Esse foi o nosso único problema com o grupo, e sempre rimos muito quando nos lembramos dessa história. Decidimos dar um desconto a ele — provavelmente ele só estava tendo um dia ruim.

Mais que hortas urbanas

Em meio ao aumento da insegurança alimentar no Distrito Federal, ações solidárias mostram como podem melhorar a alimentação e a qualidade de vida da comunidade

» ANA CAROLINA ALVES

O Distrito Federal registrou um aumento de 0,5% na situação de insegurança alimentar entre 2023 e 2024, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na tentativa de reverter as estatísticas, comunidades urbanas promovem, com hortas comunitárias, uma alimentação saudável em meio aos prédios e asfalto do DF.

No Paranoá, a Horta Urbana Comunitária Cantinho da Coruja nasceu da necessidade de trazer uma alimentação mais saudável para as crianças participantes do Instituto Social Maior, projeto social

de futebol para a meninada da comunidade. “Os pais começaram a procurar a gente pedindo ajuda com doação de alimentos e cestas básicas. Foi então que começamos a limpar um espaço vazio e plantar”, relata Eduardo Santos, criador do projeto. Hoje, a horta produz frutas, verduras, legumes e hortaliças, e funciona como ponto de educação ambiental. “Nós queremos mostrar para as crianças e para os adultos a importância de comer coisas verdes, de se alimentar bem e conhecer de onde vem o alimento”, diz.

O projeto atende diretamente crianças do futebol e famílias da comunidade. “Todo mundo da comunidade pode vir aqui, deixar sementes, ajudar a plantar. É aberto e gratuito. Além do futebol e

da horta, temos a cozinha solidária, onde oferecemos jantar para os alunos toda sexta-feira com o que plantamos na horta”, explica Eduardo. Ele ressalta que a iniciativa ainda não tem tanto engajamento da comunidade geral, mas desistir não é uma opção. “Seguimos na luta todos os dias, mostrando a importância da alimentação saudável e da educação ambiental para a comunidade e mostrando que isso também é para eles, é para toda a comunidade”, destaca.

Transformação

Há 20 anos, a horta comunitária do Girassol, em São Sebastião, vem transformando não apenas a paisagem, mas também os hábitos alimentares de quem vive na região. O espaço surgiu em 2005, quando a comunidade decidiu reagir a um surto de hantavirose que atingiu o bairro, então marcado por dois lixões. “A gente resolveu limpar e plantar alguma coisa para evitar que o pessoal voltasse a jogar lixo para que os ratos não ficassem andando por aqui e transmitindo o vírus”, lembra Hosana Alves do Nascimento, 53 anos, fundadora e responsável pela horta.

Além do cultivo de hortaliças e frutas sem agrotóxicos, o espaço promove cursos de capacitação e oficinas que ensinam desde o plantio até o aproveitamento integral dos alimentos. “A gente mostra que tudo pode ser usado: o talo da beterraba, o umbigo da bananeira, o palmito da banana. A ideia é ensinar a se alimentar melhor, gastando menos”, explica Hosana. “Também ensinamos sobre plantas medicinais e buscamos incentivar o reaproveitamento dos alimentos”, completa.

O impacto do projeto ultrapassa os limites da horta. Uma das ações que fortalece a rede é o sistema CSA — Comunidade que Sustenta a Agricultura —, no qual moradores pagam uma cota mensal e recebem cestas de orgânicos toda semana. “Nos unimos com outros produtores e montamos uma cesta orgânica que os assinantes recebem todo mês. Tem cliente com a gente há mais de cinco anos, não largam de jeito nenhum”, conta. Hosana também criou o quintal produtivo, uma iniciativa que

Ed Alves/CB/D.A Press



Eduardo oferece jantar para os alunos toda sexta-feira com o que plantamos na horta do Paranoá

leva o conhecimento até a casa das famílias, ensinando a cultivar alimentos em pequenos espaços, mesmo sem recursos. “A gente vai às casas e ensina desde o plantio até a colheita, na tentativa de uma alimentação melhor e com produtos orgânicos. O que começou para evitar a doença, hoje virou meio de alimentação e educação ambiental”, celebra.

Mobilização

A comunidade do Guará também busca, por meio da horta comunitária, uma alimentação mais saudável para a população. Criada em 2010, a ideia nasceu de um projeto público com o objetivo de

promover alimentação saudável e engajamento social. No entanto, a falta de mobilização local fez com que a iniciativa se perdesse até ser revitalizada, em 2017, pela engenheira ambiental Diana Ribeiro. “Ela queria fazer algo mais representativo para a comunidade, algo que tivesse um impacto real na vida das pessoas”, conta Elza Aparecida Pereira, uma das líderes do projeto.

Atualmente, a horta funciona como um importante ponto de encontro para quem busca uma alimentação mais natural e acessível. “O alimento orgânico é caro no supermercado, mas aqui as pessoas podem levar o que ajudaram a plantar”, explica Elza. A

cada encontro, os voluntários colaboram com o plantio, o manejo e a colheita, e recebem parte dos produtos cultivados, como alface, couve e temperos.

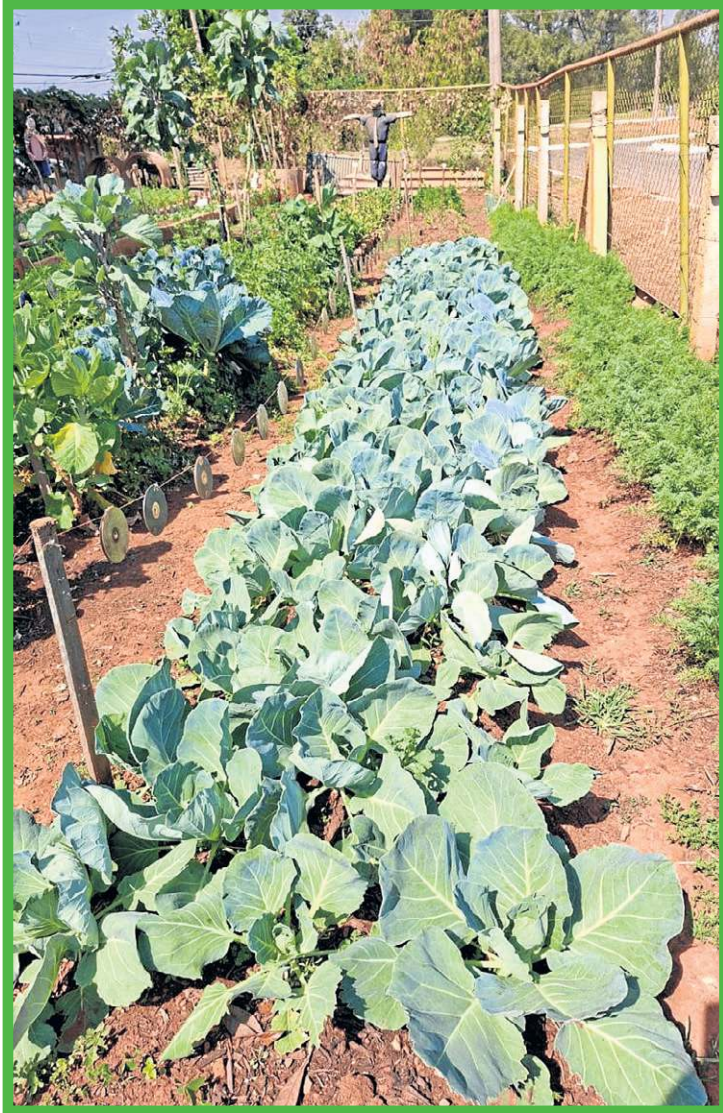
Além de garantir acesso a alimentos frescos, o espaço também fortalece o senso de comunidade. “As pessoas chegam, doam seu tempo, veem a semente crescer e sentem prazer em contribuir. A horta traz liberdade, pertencimento e fraternidade”, afirma Elza. Para ela, o sucesso da horta é prova de que pequenas ações coletivas podem transformar a relação das pessoas com o alimento. “Quando a gente compartilha o que sabe e o que colhe, todo mundo cresce junto”, conclui.

Bruna Gaston CB/DA Press



Hosana vê a horta do Girassol como um apoio à alimentação saudável e educação ambiental

Arquivo pessoal



Horta do Guará produz alimentos frescos e fortalece o senso de comunidade